

Volume II

Quarta Parte - 4

Revendo nitidamente o passado, estando presente, mas não sendo visto

Ela deixou de segurar as minhas mãos, deu um riso angelical e, então, se virou em direção ao parque. Eu observei a altura dela, a forma esguia do seu corpo e suas saias esvoaçantes, e a vi seguir algumas senhoras e crianças na direção de uns arbustos, que eu me lembrava muito bem, e ela logo ficou longe da minha visão.

Eu senti como se todo o entusiasmo tivesse desaparecido da minha vida; como se uma alegria tivesse levantado voo; como se algo precioso tivesse sido retirado de mim e uma fosso se fechasse novamente em volta de mim.

Durante muito tempo fiquei pensando, com os olhos fixos na direção de onde ela desapareceu; e me senti inclinado a segui-la, mas depois considerei que isso não teria sido prudente. Embora ela fosse apenas um sonho meu falso, uma mera lembrança de um dia emocionante e agitado, uma invenção perdida do meu cérebro cansado e excitado – uma invenção *mais* do que agradável (o que mais ela *poderia* ser!) – Ela também era uma grande dama, e me tratou como um perfeito estranho e uma pessoa insignificante, com singular cortesia e bondade; é verdade que eu paguei com um amor tão profundo e forte que minha vida pertencia a ela, para fazer o que ela quisesse, e sempre foi assim desde que a vi pela primeira vez, e sempre durará enquanto houver jeito de trazer ar aos meus pulmões! Contudo, isso não se constituiu um relacionamento com alguém conhecido por mim, mas que não era uma amiga próxima, sem uma apresentação adequada, mesmo na França – mesmo em um sonho. Mesmo nos sonhos, é preciso ser gentil, até para se afastar de coisas não reais de um cérebro exausto e adormecido.

E então, que negócio *ela* tinha, *nesse* meu sonho em particular – como ela mesma havia me perguntado?

Contudo, isso *foi* um sonho? Eu me lembrei das minhas acomodações em Pentonville, de onde eu havia saído ontem de manhã. Lembrei-me do que eu era – do porquê vim

para Paris; lembrei-me do próprio quarto no hotel de Paris, onde agora eu estava dormindo profundamente, do alto tique-taque do relógio e de todo o mobiliário espartano. E aqui estava eu, bem acordado e consciente, no meio de uma avenida antiga que há muito deixou de existir – que havia sido construída perto de um imenso edifício de tijolos coberto de treliça recém-pintada. Eu mesmo vi esse edifício apenas doze horas atrás. E, no entanto, aqui estava tudo como tinha sido quando ainda eu era criança; e tudo por causa das ações desse fantasma que inspira confiança e ajuda de uma adorável jovem duquesa inglesa, cujas mãos enluvadas e quentes eu só segurei nesse minuto! O cheiro de suas luvas ainda estava na palma de minhas mãos. Eu olhei para o meu relógio; marcava onze horas e trinta e sete minutos. Tudo isso aconteceu em menos de quarenta e cinco minutos.

Refletindo sobre tudo isso, de uma perplexidade sem esperança, me virei e tomei a direção da minha antiga casa e para minha surpresa consegui olhar por cima do muro do jardim que, uma vez, acreditei ter três metros de altura.

Debaixo da velha macieira, em plena floração, estava minha mãe, cerzindo as meias pequenas; com seus cachos loiros (como era moda usá-los), escondendo a metade do rosto. Minha emoção e surpresa foram imensas. Meu coração bate rápido. Senti-o pulsando nas minhas têmporas e minha respiração estava ofegante.

Em uma mesinha verde, da qual me lembrava bem, estava sentado um menino pequeno, vestido de maneira antiga e muito estranho, com um babado na gola da camisa, os cabelos dourados cortados bem próximo do alto da cabeça e bastante longos nos lados e nas costas. Era Gogo Pasquier. Ele parecia um bom menino. Ele tinha uma caneta tinteiro e um caderno de anotações diante dele, e um livro de brochura com bordas douradas encapado com um couro fino de cor vermelha. Eu sabia, só de olhar de relance; era um *Elegant Exctrat*¹. O cachorro Médor estava dormindo na sombra. As abelhas zumbiam entre as *nasturtiums*² e *convolvulus*³.

¹ N.T.: Muitos dos primeiros livros, principalmente os que datam dos anos 1900 e anteriores, agora são extremamente raros e cada vez mais caros.

² N.T.: uma planta de jardim com flores alaranjadas, amarelas ou vermelhas e folhas circulares

³ N.T.: uma planta pertencente à família *Convolvulaceae*.

Uma garotinha correu pela avenida, parou na guarita e empurrou o portão do jardim, que ao se abrir tocava a campainha, e quando ela entrou, eu a segui; mas ela não notou a minha presença e nem os outros. Era Mimsey Seraskier.

Eu saí e sentei aos pés da minha mãe, e olhei longamente em seu rosto.

Não devo falar com ela, nem a tocar – nem tocar em suas mãos com meus lábios, pois estava ocupada, ou deveria “embaçar o sonho”.

Levantei-me e olhei por cima do ombro do garoto Gogo. Ele estava traduzindo a *Elegy de Gray*⁴ para o francês; ele não havia chegado muito longe e parecia estar perplexo com a frase:

“*E deixa o mundo na escuridão e a mim.*”

Mimsey estava olhando, silenciosamente, por cima do outro ombro, o seu polegar na boca e um braço no encosto da cadeira. Ela parecia estar perplexa também: era uma frase estranha de traduzir.

Inclinei-me e coloquei minha mão no nariz de Médor, e senti seu hálito quente. Ele sacudiu sua rudimentar cauda e choramingou, enquanto dormia. Mimsey disse—

“Regarde Médor, comme il remue la queue! *C'est le Prince Charmant qui lui chatouille le bout du nez*”⁵.

Disse minha mãe, que não tinha falado nada até agora: “Fale em inglês, Mimsey, por favor”.

Oh meu Deus! A voz de minha mãe, tão esquecida, mas tão familiar, tão indescritivelmente querida! Corri para ela, me ajoelhei aos seus pés, peguei a sua mão e a beijei, chorando: “Mãe, mãe!”.

⁴ N.T.: *Elegy* (elegância) escrita em um cemitério rural é um poema de Thomas Gray, concluído em 1750 e publicado pela primeira vez em 1751. As origens do poema são desconhecidas, mas foram parcialmente inspiradas pelos pensamentos de Gray após a morte do poeta Richard West em 1742.

⁵ N.T.: “Olhe para Médor, enquanto ele abana o rabo! É o príncipe encantado que faz cócegas em seu nariz”.



“Mãe, mãe!”.

Um estranho borrão tomou conta de tudo; o sentido da realidade foi perdido. Tudo se tornou um sonho – um sonho lindo – mas apenas um sonho; e eu acordei.

* * * * *